

## PRÁTICAS CÊNICAS ACESSÍVEIS: PODCAST COMO MODALIDADE DE ACESSO A PRÁTICAS DE PERCEPÇÃO E CRIAÇÃO

**Flavia Grützmacher dos Santos**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Teatro. Bolsista de Iniciação Científica com pesquisa finalizada. Área: Processos de criação cênica, orientadora Profa. Dra. Marcia Berselli. Bolsa PIBIC/CNPq (2021-2022). Artista da cena. [flavia.grutz@gmail.com](mailto:flavia.grutz@gmail.com)

**Filipe Luan de Souza Cardoso**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro. Bolsista de Iniciação Científica com pesquisa finalizada. Área: Processos de criação cênica, orientadora Profa. Dra. Marcia Berselli. Bolsa PIBIC-AF/CNPq (2021-2022). Artista da cena, multicriador e multicriatura. [fcardtitan@gmail.com](mailto:fcardtitan@gmail.com)

**Marcia Berselli**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta vinculada ao Departamento de Artes Cênicas. Coordena pesquisas na área de Processos de criação cênica. Artista da cena. [marcia.berselli@ufsm.br](mailto:marcia.berselli@ufsm.br)





## RESUMO

O artigo contextualiza práticas cênicas desenvolvidas por um grupo de pesquisa vinculado ao contexto acadêmico, em especial, partilhando o desenvolvimento de um *podcast* que apresenta práticas cênicas acessíveis. O formato em áudio, compartilhado via *podcast*, é identificado como modalidade que amplia o acesso às práticas corporais.

**Palavras-chave:** Práticas cênicas; Acessibilidade; Podcast; Material didático.

# PRÁTICAS CÊNICAS ACESSÍVEIS: PODCAST COMO MODALIDADE DE ACESSO A PRÁTICAS DE PERCEPÇÃO E CRIAÇÃO

Flavia Grützmacher dos Santos

Filipe Luan de Souza Cardoso

Marcia Berselli

O Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: práticas cênicas e acessibilidade (CNPq) tem desenvolvido, ao longo dos anos, diversas práticas de criação cênica com foco em acessibilidade. Em sua trajetória, o grupo costuma apresentar as propostas em materiais didáticos e disponibilizá-los gratuitamente através de publicações *online* em formato escrito, favorecendo a divulgação de práticas cênicas menos restritivas que são elaboradas em conjunto entre as e os pesquisadores - bolsistas e a líder do Grupo. Em 2021, em meio a discussões e buscas para ampliar o alcance de público, ventilou-se a ideia de transformar o material didático para o formato de áudio e disponibilizá-lo na plataforma de *streaming* Spotify<sup>1</sup>. Desta forma, em março de 2022 nasceu o *podcast* Teatro Flexível: abordagens corporais<sup>2</sup>.

A ideia que move este recorte do projeto<sup>3</sup> é disponibilizar práticas corporais que estimulem a experimentação e criação em formato de séries ou temporadas. O fio que une as temporadas são as oficinas desenvolvidas pelo Grupo ao longo dos anos. A primeira série foi lançada no dia 4 de março de 2022 e teve como base a ação de extensão desenvolvida em formato de oficinas *online*, intitulada Cápsulas Performáticas: recomendação - para todos os corpos, a qual foi desenvolvida entre outubro e dezembro de 2021 por

1 *Streaming* é a tecnologia que permite distribuir e acessar dados digitais, sem a necessidade de *download* dos mesmos. *Spotify* é uma plataforma de streaming de música, *podcast* e vídeo, operando desde 2008.

2 O *Podcast* pode ser acessado em: <https://open.spotify.com/show/4Ffyjzrei1g3L5c3TaPvx3?si=e10c80da5a294302>.

3 Pois trata-se de um recorte vinculado a um projeto maior”, intitulado “Procedimentos e práticas de colaboração artística horizontal: corpos, repertórios e saberes vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O Projeto já contou com apoio do Fundo de Incentivo à Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (FIEX-CAL/PRE/UFSM); do Observatório de Direitos Humanos (ODH/PRE/UFSM); do Programa de Incentivo à Pesquisa ao Servidor Mestre (PEIPSM/PRPGP/UFSM); do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE-CAL/PRPGP/UFSM); do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq); do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ações Afirmativas (PIBIC-AF/CNPq); e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (PROBIC/FAPERGS).

Filipe Cardoso, Flavia Grützmacher dos Santos e Marcia Berselli, integrantes do Grupo Teatro Flexível<sup>4</sup>.

Esta primeira série apresenta dez episódios-dose. Tratam-se de práticas de criação e percepção de si, que convidam a pessoa interessada a reservar e desfrutar um momento do seu dia para ficar consigo mesma, perceber seu próprio corpo, seus desejos e o ambiente em que se encontra, conectando-se com o que é importante, descobrindo objetos cotidianos e suas potencialidades e se permitindo desenvolver uma criação artística a partir da experiência vivenciada. São doses de autocuidado, suplementos de percepção de si em formato de cápsula. Aqui, a dose é de atenção à própria existência.

As práticas presentes nesta primeira série estão sustentadas em princípios e premissas da Abordagem Somático-Performativa, um conceito cunhado pela artista e pesquisadora brasileira Ciane Fernandes:

Somático-performativo é uma denominação que venho adotando desde 2012, através da junção entre abordagens somáticas e o arcabouço da arte da performance, da dança-teatro e da dança improvisação. Sob perspectivas somáticas, a performatividade vincula-se à pulsão do movimento, entre mover e ser movido, pausa e ebulição (FERNANDES, 2020, p. 27).

Um dos focos desta abordagem está em desenvolver consciência de si, do espaço e do coletivo pelo e em movimento e, partindo disso, explorar de maneira performática as criações e a criatividade. Fernandes (2014a, p. 27) afirma ainda que a Abordagem Somático-Performativa “baseia-se na arte do movimento como um sistema integrado de performance, improvisação, interartes, pesquisa, educação e terapia”. Sendo assim, o Grupo que pensou e criou a oficina Cápsulas Performáticas teve como disparador para desenvolver as práticas inquietações como ‘o que nos move?’ e ‘como somos movidas e movidos pelas experiências que atravessam a existência humana?’. Deste ponto, partimos para a busca e experimentação de maneiras possíveis para mediar práticas de criação em ambiente virtual. Para exemplificar, apresentamos abaixo um trecho da proposta nomeada Paladar: recriando percepções:

Vou pedir para que você se sente em um local que seja confortável.  
Se outra posição for mais confortável para ti, fique à vontade para exercer sua autonomia e experimentar na posição que for mais adequada para o seu corpo hoje.  
Gentilmente, peço que você mova a sua mão direita em direção ao seu abdômen.  
Quando seu corpo estiver confortável, peço que leve a sua mão esquerda até o tórax.  
Quando você respira, existem movimentos que atravessam o seu corpo?  
E as suas mãos, elas se movem enquanto você respira?

4 A ação de extensão integra o Programa de Extensão Práticas cênicas, escola e acessibilidade vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O Programa de Extensão contou com apoio FIEX-CAL/PRE/UFSM nos anos de 2017 a 2022.

Caso você se sinta confortável, feche os olhos e experimente colocar o foco de sua atenção na entrada do ar pelas suas narinas e, depois, em sua saída. (TEATRO FLEXÍVEL, 2022)

Desta forma, buscamos colocar em evidência as potencialidades de experimentação do corpo no espaço cotidiano da casa. Como parte inicial das indicações, há o convite para que cada pessoa reconheça, gentilmente, seus limites e suas possibilidades. Assim, buscamos estimular a liberdade e autonomia de cada participante para se perceber e realizar pausas, inserir outros movimentos para além dos indicados e transformar as propostas de acordo com o que é possível para si no momento específico em que desenvolve a prática.

Enquanto Grupo, buscamos desenvolver cada proposta da maneira menos restritiva possível, atentando para a escolha das palavras que foram colocadas como indicações. Porém, não acreditamos que formatos fechados possam ser tomados como receitas infalíveis. Assim, contamos com a parceria de cada pessoa que acessa a prática para atuar nos ajustes específicos que possam ser necessários para que a prática aconteça de maneira satisfatória. Na introdução de cada Cápsula são apresentadas algumas indicações gerais que permitem informar às pessoas sobre as características da prática que vai ser vivenciada, destacando a possibilidade de escolha sobre o que e como fazer, além da sugestão de atenção às respostas do corpo para identificar a necessidade de pausas ou de um outro ritmo para os movimentos.

O convite às pausas é uma maneira de convocar cada pessoa a organizar o seu tempo em cada experimento de acordo com sua vivência da prática. O convite aos ajustes de movimentos é uma maneira de convocar cada participante a reconhecer as especificidades de seu corpo e as transformações diárias pelas quais cada estrutura corporal passa. O reconhecimento da vivência singular, das especificidades de cada corpo, da característica mutável e ecológica do corpo - na interação com o meio - se vinculam a uma das premissas das abordagens somáticas do movimento: a concepção de soma. Acreditamos que tal concepção dialoga diretamente com a acessibilidade e, no caso específico das práticas aqui apresentadas, com a acessibilidade cultural, uma vez que a premissa é que as pessoas possam desenvolver práticas artísticas em suas casas reconhecendo e respeitando as especificidades de seus corpos.

Segundo Débora Bolsanello (2005), o conceito de soma traz consigo a compreensão do corpo enquanto experiência, a qual é atravessada pela cultura, pelos aspectos sociais e pelas vivências de cada pessoa. Bolsanello (2005, p. 105) aponta que “o corpo enquanto experiência traduz a indissociabilidade do corpo e da consciência.”. Soma é o corpo subjetivo formado por todas as camadas da existência humana. Partindo desta perspectiva, não é possível separar experiências em categorias fechadas e limitantes como racional e físico, pois compreende-se que uma experiência específica e pontual tem poder de afetar

todas as esferas da vida humana. Soma é, assim, o corpo em sua completude, inteireza e complexidade.

## FORMATOS DIVERSOS: O *PODCAST* COMO UM RECURSO DE ACESSO A PRÁTICAS CORPORAIS

Antes do material surgir em formato de áudio, ele foi desenvolvido enquanto prática de criação cênica presencial durante os anos de 2017 a 2019. A partir de 2020, com a pandemia de Covid-19, as práticas migraram para o modelo *online*, acontecendo semanalmente através de dois canais diferentes: em uma semana era desenvolvida uma prática síncrona com mediação virtual e, na seguinte, uma prática assíncrona era publicada no site do Grupo. Cada prática assíncrona foi disponibilizada em formato de **descrição escrita** em duas versões: a) um arquivo PDF seguindo padrões de formatação propostos pela ABNT; e b) um arquivo de texto apresentado em formato de imagem com arte gráfica – passível de ser lido por leitores de tela<sup>5</sup>. Além da descrição escrita, é possível encontrar o mesmo material em formato de áudio<sup>6</sup> e **vídeo em Libras**<sup>7</sup>.

Foi na busca por ampliar o acesso a experimentações criativas que não restringem corpos e possibilidades que o Grupo de pesquisa se enveredou pelo estudo de formatos outros para o compartilhamento das práticas. Mais uma vez, o foco foi ampliado, ultrapassando a busca de práticas acessíveis para chegarmos em mais formatos possíveis para a partilha das práticas desenvolvidas. Com este objetivo, desde o início do desenvolvimento das práticas em 2020, após o início do período de isolamento social, compartilhamos com a comunidade interessada práticas corporais acessíveis em três formatos distintos, escrito, em áudio e vídeo em Libras.

Neste momento do escrito, julgamos pertinente destacar duas questões que atravessaram as pesquisadoras e pesquisadores envolvidos no desenvolvimento das práticas, quando surgiu a ideia de transformar todas as práticas em uma temporada de *podcast* e disponibilizá-la em uma plataforma de *streaming* de grande alcance como o *Spotify*: ‘por que transformar o material escrito em *podcast*?’ e ‘seria possível desenvolver um *podcast* acessível?’.

Nosso material escrito pode ser acessado por pessoas com deficiência visual através da utilização de leitores de tela, um recurso de acessibilidade disponível em aplicativos específicos e alguns *sites*. Porém, a leitura executada por tal recurso acontece mediada por uma máquina, a qual efetiva a transmissão de som através de um áudio digital, não na-

5 A descrição escrita das dez práticas realizadas em 2021 foi compilada em um material intitulado Caderno Sômático II. Este material pode ser acessado através do link: [https://www.teatroflexivel.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/04/Caderno\\_somatico\\_ebook-1.pdf](https://www.teatroflexivel.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/04/Caderno_somatico_ebook-1.pdf).

6 É possível acessar esse material clicando no seguinte link: <https://open.spotify.com/show/4Ffyjzrei1g3L5c-3TaPvx3?si=0aed0644f3494ed4>.

7 O material em Libras está parcialmente disponível no canal do Grupo no YouTube. As práticas restantes serão postadas na plataforma, sendo posteriormente compiladas em uma playlist. É possível acessar o canal do Grupo no Youtube através de: <https://www.youtube.com/@teatroflexivel3737>.

tural. A voz que é ouvida e transmite a prática não é humana e não possui interjeição. É uma voz mecânica gerada por códigos usados para *imitar* a voz humana, logo, artificial.

Desta forma, percebemos que o recurso leitor de tela acaba por limitar a experiência proposta pela prática criativa, uma vez que o áudio digital mecanicamente gerado não respira, não coloca entonações e não tem a capacidade de gerar tempos distintos para cada momento de pausa. A passagem entre cada frase não ocorre de maneira fluida e isso acaba por criar uma distância entre quem desenvolveu a proposta e quem está experimentando – algo que vai contra um dos objetivos do Grupo, uma vez que, lida mecanicamente, a proposta não é capaz de conectar a pessoa que pensou e mediou a prática com quem está experimentando. Desta forma, não conseguimos efetivar a relação de afeto para com o público com deficiência visual.

Transformar práticas de percepção e criação performativas em um *podcast* se mostrou uma estratégia interessante e potencialmente eficaz: a voz carrega junto a si sotaques, estilos e partes da personalidade de quem fala. Através de um áudio reproduzido mecanicamente por um aparelho tecnológico, como *smartphone* ou *notebook*, mas que é gerado a partir da voz orgânica de uma pessoa, acreditamos na possibilidade de conexão entre quem propõe a prática com o público ouvinte. Renata Teixeira Ferreira da Silva e Suzane Weber da Silva, em artigo recente intitulado Performance do Encontro: Práticas performativas em tempos de presença real e virtual (2020), apontam que “o encontro estabelecido em uma performance se caracteriza na sua urgência, na sua singularidade, no acontecimento extraordinário, possível naquele momento, daquela maneira e naquele ambiente somente pela arte” (SILVA; SILVA, 2020, p. 25).

Este ponto se mostra importante quando retornamos aos conteúdos que movem cada prática proposta: reconhecer a si, os pequenos movimentos do corpo, o espaço que se habita, os objetos do dia a dia e ações cotidianas comuns enfim, encontrar-se em meio ao cotidiano. Todas as propostas partem de objetos e/ou situações que estão presentes em nossa vida e que costumamos não observar. As Cápsulas Performáticas: recomendação – para todos os corpos, vem como uma proposta de criar momentos de ruptura com o cotidiano, quando somos convidadas e convidados a criar novas relações com o próprio ato de viver, explorando afetuosamente num despretenso ato performático.

Mesmo não trabalhando com o encontro como o conhecemos anteriormente ao período pandêmico, no desenvolvimento e na pesquisa que embasaram o desenvolvimento das Cápsulas Performáticas, encontramos uma maneira de efetivar práticas de afeto em propostas de criação mediadas por aparelhos tecnológicos. As Cápsulas propõem um momento de encontro e afeto consigo mesma, quando paramos para prestar atenção no que atravessa o corpo enquanto experiência (BOLSANELLO, 2005). A ação de pausar as atividades cotidianas e dedicar um tempo a percepção de si é aqui compreendida como prática de afeto em uma performance individual que encontra sua potência na intenção

de quem a pratica. Por meio do mover no ambiente da casa, com atenção e respeito às suas singularidades corporais, fazemos coro ao exposto por Renata Teixeira Ferreira da Silva e Suzane Weber da Silva:

o ir e vir entre teoria e prática impulsionaram e destacaram o encontro, a rua e o **afeto** na performance como elementos principais e essências para a concepção de uma **Performance do Encontro**, que se mostrou repleta de ramificações, das quais pretendemos continuar a percorrer e investigar, seguindo esses fluxos de movimento. (SILVA; SILVA, 2020, p. 25, grifos nossos)

Além disso, colocar o material desenvolvido pelo Grupo Teatro Flexível em formato de *podcast* vem como uma maneira de potencializar a experimentação cênica no espaço cotidiano da casa, uma vez que um ou uma ouvinte pode apertar o *play* no áudio e desenvolver a prática no espaço que habita. Elton Bruno Barbosa Pinheiro, professor da Universidade Federal de Brasília, em estudo recente, afirma que “[...] o *podcast* [...] é um meio audiovisual, pois suscita imagens, evoca paisagens, seja acessado por meio dos sons, em si, ou das palavras que integram as linhas de seu roteiro” (PINHEIRO, 2020, p. 52). As práticas propostas trazem consigo o estímulo à percepção a partir dos sentidos, a evocação de diversas imagens que são criadas por cada participante, a partir das indicações vindas da voz da facilitadora ou facilitador<sup>8</sup>. As palavras que uma pessoa diz criarão uma imagem específica na imaginação de cada ouvinte – e sobre isso não temos controle:

Como podemos nos entender [...] se nas palavras que digo coloco o sentido e o valor das coisas como se encontram dentro de mim; enquanto quem as escuta inevitavelmente as assume com o sentido e o valor que têm para si, do mundo que têm dentro de si? (BERNARDO apud SANTOS, SILVA, FARIAS, 2017, p. 74)

Este é um fato que nos mobiliza e move para que a escolha das palavras seja feita de maneira acessível e consciente, para que as indicações possam ser amplas, incentivando cada ouvinte a interpretar segundo o seu repertório. A audiodescrição (AD) é um recurso de acessibilidade e aparece em nossas práticas com o objetivo de audiodescrever a pessoa que fala e de gerar uma possível aproximação entre quem fala e quem ouve o *podcast*. Além disso, a partir da AD, o recurso de descrever foi extrapolado para descrever com mais profundidade ou ainda estimular que as e os participantes prestem atenção a algumas características não comumente percebidas, como a textura de uma fruta, por exemplo.

Trazemos então o questionamento de Santos, Silva e Farias (2017, p. 69): “o que a palavra tem a dizer do que o olhar vê? Como a palavra pode expressar o que o olhar vê?”. No *podcast*, tentamos trazer a audiodescrição e a descrição de imagens de maneira concreta, com as informações que visualmente podem ser percebidas, mas também buscamos mantê-las abertas, para que cada ouvinte tenha a possibilidade de criar e imaginar

<sup>8</sup> Três pessoas do Grupo participaram como mediadores(as) das práticas, Flavia Grützmacher dos Santos, Filipe Cardoso e Marcia Berselli.

de modo livre e amplo, partindo dos seus repertórios e explorações. Nosso intuito, com isso, foi o de não cair em “um enunciado pouco expressivo, desprovido de sensibilidade, esteticamente carente de reflexão” (SANTOS, SILVA, FARIAS, 2017, p. 69).

Nesse sentido, houve um desafio nas atividades de audiodescrição e no desenvolvimento dos áudios que integram o *podcast*: como apresentar a prática de uma maneira que aproximasse quem media de quem experimenta a proposta sem engessar as indicações? Optamos por trazer sugestões de movimentos e possibilidades de exploração que poderiam ser performadas de modo individual, nos espaços da casa e na perspectiva interna do perceber e responder autonomamente às indicações. Nos auxiliou, na resposta a esse desafio, o retorno às características das abordagens somáticas do movimento, buscando que nosso modo de nos relacionar com o desenvolvimento de cada cápsula fosse sensível a ponto de conseguirmos efetivar uma experiência assíncrona que trouxesse consigo a potência do encontro. Nesse sentido e como apontado anteriormente, o encontro se efetivou na relação de si consigo.

Por conta do modelo virtual, buscamos um refinamento da comunicação através de uma maior atenção para aquilo que estamos propondo. Tentamos nos ater, principalmente, para a escolha dos termos e criação de uma estrutura firme e flexível. Essa busca se deu, também, no intuito de que a mediação executada por meio da voz humana, que por sua vez tem como intermédio o aparato tecnológico, fosse efetivada e assertiva, para que a experiência virtual pudesse trazer consigo a potência de experienciar a atenção a si por meio de experimentações performáticas. Reconhecendo os limites da mediação intermediada por aparatos tecnológicos mas, também, reconhecendo as potencialidades desse encontro em um devir não controlado.

Ainda, em relação aos limites, compreendemos que não vamos conseguir alcançar todas as pessoas. Temos consciência de que a única maneira para que o nosso conteúdo fosse 100% acessível seria considerar que todas as pessoas têm as mesmas características. Somente assim, reconhecendo todas as pessoas como uma massa homogênea, numa frágil e ingênua tentativa de decifrar limitações e potências, conseguiríamos alcançar a todas. Enquanto Grupo, temos consciência de que possuímos recursos humanos e materiais limitados e que a pluralidade humana de quem pode vir a acessar nossos materiais escapa às categorizações e definições prévias.

Carla Vendramin (2019) pontua que a acessibilidade se refere a seis dimensões,

- i) barreiras arquitetônicas (físicas); ii) barreiras comunicacionais (acesso à informação), iii) barreiras metodológicas (adequação de métodos e técnicas para o acesso de Pessoas com Deficiência à educação, cultura e lazer); iv) barreiras instrumentais (adequação de ferramentas e utensílios); v) barreiras programáticas (políticas públicas, legislações, e normas); vi) barreiras atitudinais. A acessibilidade atitudinal se refere ao capacitismo; preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações ecoadas no comportamento da sociedade na relação com pessoas com deficiência. [...]

É preciso discriminar e reconhecer os diferentes tipos de acessibilidade e barreiras, e como somos capacitistas. Repetidamente, a acessibilidade é entendida e reconhecida apenas, ou mais predominantemente, na sua dimensão arquitetônica. Enquanto isso, a acessibilidade atitudinal é uma que depende de uma prática de auto-percepção, conhecimento e análise. (VENDRAMIN, 2019, p. 18-19)

Se tivéssemos uma equipe multiprofissional engajada no desenvolvimento de cada material que é compartilhado com o público interessado, certamente conseguiríamos desenvolver práticas ainda mais acessíveis, que conseguissem desestabilizar as barreiras expostas por Vendramin anteriormente. Mesmo assim, não seria possível garantir uma acessibilidade universal. A questão que se coloca em evidência ao pensar em uma acessibilidade que chegue a todas as pessoas é, justamente, o fato de sermos humanas. Partindo deste ponto, não há possibilidade em afirmar que existe uma pretensa norma, modelos específicos de ser, estar e agir no mundo pois, cada pessoa possui questões específicas, limitações e possibilidades que são distintas umas das outras. Temos consciência, neste aspecto, de nossos próprios limites e dos limites dos materiais que partilhamos.

### DESENVOLVENDO UM *PODCAST* ACESSÍVEL

Para criar um *podcast*, não são necessários equipamentos caríssimos. Gabriel Ribeiro Freire (2015) aponta em sua monografia que “É possível gravar e publicar um *podcast* apenas usando um *smartphone*, com aplicativos próprios independentes de um computador. Aliado a esse fato, 48% da população brasileira tem acesso à internet” (FREIRE, 2015, p. 52). É interessante perceber que o autor pontua tal porcentagem como um grande valor, mesmo não chegando à metade da população brasileira em 2015.

De qualquer forma, sabemos que uma porcentagem da população brasileira tem acesso à internet e o privilégio de acessar esse tipo de conteúdo com certa facilidade. Segundo o *site* Brasil de Fato, 46 milhões de brasileiras e brasileiros não tinham acesso à internet em agosto de 2020<sup>9</sup>. Um dado semelhante foi exposto pelo IBGE, de que em 2019, 40 milhões de pessoas não acessavam internet em nosso país<sup>10</sup>. Estes são dados relevantes para compreender nossos limites e possibilidades, pois mesmo publicando os materiais na *internet* de forma gratuita, sabemos, novamente, que muitas pessoas não conseguirão acessá-lo. Mesmo que não exista um valor a ser pago para acessar as propostas, existe um valor necessário para se ter acesso ao meio no qual as disponibilizamos.

Como costuma ser no teatro, definir o público-alvo é um aspecto importante para a produção de *podcasts*, tendo em vista que “[...] a maioria dos *podcasts* no Brasil não

9 BRASIL de Fato. Quem são as pessoas que não tem acesso à internet no Brasil. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

10 AGÊNCIA Brasil EBC. Um em cada cinco brasileiros não tem acesso à internet segundo IBGE. Disponível em: < [https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audiodio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20\(14\)%20pelo%20IBGE](https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audiodio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20(14)%20pelo%20IBGE)>. Acesso em: 22 mar. 2023.

chega a atingir 20 mil ouvintes, ou seja, falam para nichos distribuídos pelo território nacional.” (FREIRE, 2015, p. 52). Elton Pinheiro (2020, p. 46), aponta que:

No Brasil, os podcasts, em dados revelados pela Pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD, 2019) passam por uma crescente tanto em relação aos números de produtores(as) quanto de público consumidor, muito embora este universo ainda seja majoritariamente composto por uma parcela bem específica da população, isto é, pessoas com acesso a cursos universitários, na faixa etária dos 20 aos 35 anos, brancos.

Mais uma vez, nossos limites e possibilidades colocados em evidência. Compreendemos que o público que atingimos acaba sendo privilegiado, e é por isso que nosso intuito e foco de trabalho é, neste momento, divulgar os materiais<sup>11</sup> para o maior número de pessoas possível. Precisamos definir o público para que as possibilidades de alcance sejam potencializadas. Para as oficinas virtuais desenvolvidas em 2021, o nosso público foi de pessoas com 16 anos ou mais que tivessem interesse em desenvolver criações artísticas partindo do próprio cotidiano. Acreditamos que o público se mantém e agora estamos na etapa de divulgação do *podcast*, a qual se dará por meio de *posts* no Instagram, contato com páginas reconhecidas que possam divulgar o trabalho e *e-mails*. Acreditamos que a divulgação da informação é importante, uma vez que, não basta o acesso ao *podcast* ser facilitado – aqui a modalidade de maior acesso é através de aplicativo no celular<sup>12</sup> – é necessário que a informação sobre a existência de tais materiais também chegue até as pessoas.

Em busca de referências que nos auxiliassem a desenvolver um *podcast* acessível, chegamos às informações sobre a necessidade de

[...] elaboração de uma pauta, a apuração, a gravação em si, a edição com o uso de recursos sonoros ou não, para posterior distribuição do material, que inclui o upload dos arquivos de som e, por fim, a publicação em sites, blogs e redes sociais. (FREIRE, 2015, p. 40)

Mesmo sem ter esse conhecimento prévio, o processo que adotamos em muito se pareceu com este: para elaborar cada um dos dez episódios-dose, escolhemos um tema central que balizou a prática. Junto a isso, desenvolvemos um roteiro que, segundo Pinheiro (2020), é um aspecto fundamental para o desenvolvimento de *podcasts* acessíveis. Antes de realizar cada gravação passamos o roteiro algumas vezes, no intuito de não cometer erros, pois a equipe não dispunha de um editor ou editora de áudio. O passo seguinte foi criar o canal na plataforma de *streaming Spotify*, dentro desta demanda houve a escolha do nome, a criação de uma imagem para o canal, apresentação para o *podcast*

11 Lembrando que as propostas criativas das Cápsulas Performáticas estão disponíveis em três formatos: podcast, Caderno Somático e vídeos em Libras.

12 O aplicativo se coloca como uma versão interessante uma vez que o e a usuária são informadas automaticamente das atualizações e, através das atualizações, novos recursos de acessibilidade podem ser acessados.

e para cada um dos episódios, *upload* de cada arquivo de áudio e a posterior publicação no *streaming*. A partir disto, nos envolvemos na divulgação para que pessoas de diferentes lugares do país possam performar em casa. Este continua sendo um aspecto desafiador.

Ao pesquisar ‘como produzir um *podcast*’ na ferramenta de busca do navegador *Google Chrome*, uma informação que encontramos recorrentemente foi a necessidade de periodicidade. Como falado anteriormente, esta foi a primeira série do *podcast* e todos os episódios foram lançados no mesmo dia, 4 de março de 2022. Acreditamos que a periodicidade possa se efetivar com a publicações de outras séries, como a das oficinas que foram realizadas entre 2020 e 2021 e das próximas que vamos oferecer enquanto Grupo. Lançar todos os episódios de uma vez foi uma escolha consciente pelo fato do *podcast* ser uma extensão das práticas desenvolvidas pelo Grupo durante o ano de 2021. Metade dos materiais já estavam gravados, pois foram partilhados com o público interessado como práticas assíncronas. Faltava apenas gravar os áudios das oficinas que aconteceram de forma síncrona através de videoconferências mediadas pela plataforma *Google Meet*.

Por mais que não sejam necessários equipamentos sofisticados e caros para realizar a gravação do áudio, o processo se torna mais difícil quando, além de não conhecer a área específica de som digital, você não possui aparelhos adequados para realizar a tarefa. A primeira autora deste trabalho, responsável por realizar tais gravações, dispunha de um aparelho celular e um *notebook* que apresentavam qualidade baixa na captação de áudio. Mesmo que para áudios comuns a qualidade do som apresentada pelo celular fosse ruim, ele ainda se mostrou a melhor alternativa para executar esta demanda.

Existiu uma certa pressão no momento do processo em que a demanda era gravar, devido à falta de conhecimento específico da área de edição de áudio. Cada vez que a participante responsável pela gravação sentava no banco, respirava profundamente, torcia para não haver ruídos externos e apertava o *play* no gravador. Muitas foram as repetições de cada prática por uma frase ser dita num momento indevido ou crianças gritarem enquanto brincavam do lado de fora do apartamento em que as gravações foram feitas. Iniciar do zero quatro, cinco, seis vezes a gravação de cada prática foi cansativo, mas esta foi a melhor opção encontrada devido a inexistência de recursos humano e financeiro para realizar a edição de cada áudio. Mesmo com ensaios para falar o roteiro, cada episódio precisou ser gravado e regravado, buscando uma qualidade mínima no material entregue à comunidade interessada<sup>13</sup>.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Grande parte das práticas cênicas mais recorrentes nos meios do fazer teatral trazem consigo estruturas rígidas que objetivam chegar em formas específicas, as quais não

---

13 Informamos que nos projetos aqui apresentados não foi realizada pesquisa posterior a respeito do acesso ou uso dos materiais. Todo *feedback* recebido pelo Grupo Teatro Flexível é feito de forma voluntária pelas pessoas que acessam, livre e gratuitamente, o material.

possuem flexibilidade ao ponto de permitir o seu desenvolvimento por corpos diversos. Existem técnicas que buscam através da exaustão corporal, chegar num estado de atenção, prontidão e disponibilidade para a criação. Práticas que atuam por esse viés possibilitam criações cênicas potentes porém, são extremamente restritivas. Este é um ponto interessante quando percebemos que essa é uma das formas possíveis de criar cênica e performaticamente. Uma das formas, não a única.

Enquanto Grupo de Pesquisa, temos o interesse em investigar práticas menos restritivas e de estimular uma abordagem das artes cênicas que seja mais convidativa a corpos que, por muito tempo, não se viram representados em cena. Parte desse percurso foi reconhecer a necessidade de não apenas investir em propostas acessíveis, mas de buscar estudar formatos mais acessíveis para os materiais compartilhados com a comunidade interessada.

Pelo caráter investigativo do Grupo Teatro Flexível, as práticas propostas partem de abordagens experimentais, nas quais o foco está voltado para a investigação de práticas criativas que colocam cada pessoa como centro do seu fazer, seu próprio ponto de referência. Desta maneira, as práticas se tornam acessíveis por apresentar indicações abertas, estímulo à percepção de si e respeito às singularidades. O caráter investigativo continua na busca por formatos possíveis, de modo a ampliar o acesso aos materiais produzidos. Chegamos na ideia do *podcast* por conta de tal busca, e encontramos nesse meio sonoro uma forma possível e potente para compartilhar práticas de criação performáticas, que podem ser experimentadas no espaço da própria casa da e do participante. Em meio a limitações próprias dos contextos de instituições públicas de ensino e pesquisa em nosso país, mas, sobretudo, reconhecendo as potências dos coletivos com os quais viemos trabalhando ao longo dos anos, buscamos explorar criativamente os recursos a que estamos tendo acesso, de modo a democratizar o acesso à arte e compreender meios e modos de desenvolver práticas cênicas e performáticas que sejam menos restritivas.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA Brasil EBC. Um em cada cinco brasileiros não tem acesso à internet segundo IBGE. Disponível em: < [https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20\(14\)%20pelo%20IBGE](https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20(14)%20pelo%20IBGE)>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BOLSANELLO, Débora. Educação Somática: o corpo enquanto experiência. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 99-106, mai/ago. 2005. Disponível em: <[http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/11n2\\_08DBB.pdf](http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/11n2_08DBB.pdf)>. Acesso em: 23 out 2021.

BRASIL de Fato. Quem são as pessoas que não tem acesso à internet no Brasil. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FERNANDES, Ciane. A prática como pesquisa e a abordagem somático-performativa. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Professor Associado IV. CNPq; bolsa produtividade em pesquisa 1c. **VIII Congresso da ABRACE** - Belo Horizonte - UFMG. 2014a. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4626>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa: sintonia, sensibilidade, integração. **Art Research Journal**. Brasil, p. 76-95. 2014b. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262#:~:text=No%20contexto%20som%C3%A1tico%2Dperformativo%2C%20pesquisa,som%C3%A1tica%3B%20performance%3B%20puls%C3%A3o%20especial>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FERNANDES, Ciane. Mergulho No Espectro Azul: práticas somático-performativas no mar com meu filho autista. **Ephemera Journal**, v. 3, n. 5, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4385>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio**: um panorama sobre podcasts no Brasil. 2015. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Organizacional, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. Podcast e Acessibilidade. **Revista GEMInIS**, v. 11, n. 2, p. 45-66, 21 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/570>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

SANTOS, Admilson; SILVA, Luciene Maria da; FARIAS, Sandra Regina Rosa. O olhar, a palavra e a audiodescrição (ad). **Rev. FAEEBA** – Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 50, p. 63-76, set./dez. 2017. Disponível em: <[https://revistas.uneb.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Frevistas.uneb.br%2Findex.php%2Ffaeeba%2Farticle%2Fdownload%2F4262%2F2660%2F#FAEEBA\\_N50.indd%3A.323147%3A83881](https://revistas.uneb.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Frevistas.uneb.br%2Findex.php%2Ffaeeba%2Farticle%2Fdownload%2F4262%2F2660%2F#FAEEBA_N50.indd%3A.323147%3A83881)>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SILVA, Renata Teixeira Ferreira da; SILVA, Suzane Weber da. Performance do Encontro: Práticas performativas em tempos de presença real e virtual. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218719>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

TEATRO FLEXÍVEL abordagens corporais: Paladar: recriando percepções. [Locução de]: Flávia Grützmacher dos Santos. [S. l.], 4 mar. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6miqQGvIs8PPddebFwW9h3?si=iCdDwQ31TJOIzh8nfKpDDg>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. **Anais III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**: Sofia: Entre o saber e o não saber nos processos artísticos e culturais. Memória, experiência e invenção. Campinas, UNICAMP, SP, 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389>>. Acesso em: 24 jun. 2022.



## **ACCESSIBLE SCENIC PRACTICES: PODCAST AS A MODALITY OF ACCESS TO PERCEPTION AND CREATIVE PRACTICES**

### **ABSTRACT**

The article contextualizes scenic practices developed by a research group linked to the academic context, in particular, sharing the development of a podcast that presents accessible scenic practices. The audio format, shared via podcast, is identified as a modality that expands access to body practices.

**Keywords:** Scenic practices; Accessibility; Podcast; Educational material.

## **PRÁCTICAS ESCÉNICAS ACCESIBLES: EL PODCAST COMO MODALIDAD DE ACCESO A PRÁCTICAS DE PERCEPCIÓN Y CREACIÓN**

### **RESUMEN**

El artículo contextualiza prácticas escénicas desarrolladas por un grupo de investigación vinculado al contexto académico, en particular, compartiendo el desarrollo de un podcast que presenta prácticas escénicas accesibles. El formato de audio, compartido vía podcast, se identifica como una modalidad que amplía el acceso a las prácticas corporales.

**Palabras clave:** Prácticas escénicas; Accesibilidad; Podcast; Material didáctico.